

URBANISMO Na capital baiana, são 540 pontos perigosos, onde vivem 100 mil pessoas, mapeados pela Codesal

Moradores de áreas de risco enfrentam a falta de alternativas

TÁSSIA CORREIA

Enquanto a prefeitura tenta orquestrar suas secretarias para contornar séculos de ocupação desordenada, moradores de áreas de risco em Salvador dizem estar assustados com os desastres na região serrana do Rio de Janeiro e já temem o pior para o período de chuvas soteropolitano. Especialistas alertam que a capital não possui plano de contingência e que áreas de ocupação irregular aumentam a cada dia.

Segundo o subsecretário de assuntos da Defesa Civil, Osny Bomfim, o primeiro plano de contingência para chuvas da cidade começou a ser elaborado no ano passado e está em fase de detalhamento. "Precisamos regionalizar as ações, para saber o que será feito em cada ponto da cidade. Assim, o plano assumirá em caráter mais prático e poderá ser usado nesse período mais crítico", explicou.

Engenheiros e técnicos da área, porém, destacam que o período de maior concentração das chuvas começa já em março e dificilmente uma ação estará pronta até lá. "É

preciso saber como avisar as pessoas, e elas precisam estar sabendo para onde devem ir e também como irão. Tem que treinar a população e não dá para fazer isso até as chuvas chegarem", avaliou o diretor da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e engenheiro civil Luís Edmundo Prado.

Orçamento

A partir deste ano, mais precisamente quando a pscelebrar o convênio com a Caixa Econômica Federal (ação que ainda está sem data prevista), uma verba extra de R\$ 23,4 milhões estará disponível nos cofres públicos da capital baiana para obras de contenção de encostas. Com o di-

Primeiro plano de contingência, lançado ano passado, está em fase de detalhamento

nheiro, repassado pelo governo federal por meio do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC 2, estão previstos o mapeamento, projeto e obras. Mas, ainda assim, isso não deve resultar em soluções a curto prazo.

"São 70 mil pessoas vindo do interior para Salvador a cada ano. As consequências trágicas são decorrentes dessa forma irregular de ocupação. É preciso investir em técnicas de construção mais adequadas, seguras e legais, por que os custos, humano e financeiro, para reverter uma situação são muito maiores do que os de um planejamento", defende o chefe de gabinete do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da Bahia (Crea-BA) Giesi Nascimento.

Na vida de Marilurdes Silva, 45 anos, essas estatísticas refletem um drama real. A dona de casa veio do interior para a capital e investiu tudo o que tinha na compra de uma casa em São Marcos. Agora, entre um muro que desabou e uma encosta com ameaça de deslizamento, não sabe o que fazer: "Mandaram sair, mas, me pergunto, para onde?"



Desapropriar ocupações se torna um desafio para o poder público

Apesar de reconhecer que evitar ocupações irregulares é a melhor alternativa, o poder público enfrenta a necessidade de desapropriar comunidades inteiras de áreas de risco. Mas, quando o assunto são as ações concretas para viabilizar isso, faltam informações e posicionamento por parte dos órgãos e das secretarias municipais responsáveis pelo assunto.

A Codesal afirma que faz apenas o diagnóstico da situação, e que a remoção dos imóveis fica por conta da Superintendência de Controle e

Ordenamento do Uso do Soló (Sucom). Esta, por sua vez, informou que realiza "demolição das estruturas irregulares mediante solicitação", mas não soube precisar quantas, de fato, foram feitas.

Famílias

Sobre as áreas mais extensas de ocupações já estabelecidas, o subsecretário de Defesa Civil, Osny Bomfim, ressaltou a dificuldade para convencer as pessoas, depois de anos morando no local, a saírem: "As áreas disponíveis em Salvador para a construção civil

são poucas e é difícil convencer alguém a se mudar para longe: deixar escola, posto de saúde e vizinhança".

Para o presidente do Crea-BA, Jonas Dantas, os gestores municipais enfrentam uma dificuldade criada pela própria administração: "Se a prefeitura for se pautar pela estrutura que tem hoje ficará sempre para trás. A saída é incorporar associações populares em grandes ações de conscientização. Para isso, era preciso haver um governo de participação popular", pontua Dantas.

PROTEJA-SE NA CHUVA

BUEIROS E CÓRREGOS

Não jogue lixo ou entulho em bueiros ou córregos para não obstruir o escoamento das águas, nem construa próximo a córregos

ÁRVORES Não remova plantas e árvores dos barrancos e encostas. Retire apenas bananeiras, pois elas acumulam água em suas raízes, deixando a terra molhada. Lembre-se: árvores e os postes inclinados indicam risco.

OBRAS Não escave em terrenos muito inclinados sem orientação técnica e cuidado com aterros malfeitos, pois eles podem provocar deslizamentos.

VAZAMENTOS Fique atento a vazamentos de qualquer tipo.

RACHADURAS E TRINCAS Redobre a atenção para o aparecimento de rachaduras na casa, trincas no solo e águas mais barrentas que o normal.

FONTE: CREA-BA